

O que será de nossa profissão?

Regentes de coros tem, por essência, a função de juntar pessoas. Tudo o mais é consequência: arte, técnica, repertório, educação, treinamento, prazer, terapia, tournées, concertos, etc.

Juntamos gente basicamente em dois níveis: no dia-a-dia dos ensaios e nas apresentações (em menor proporção, há os envolvidos na produção: figurinos, “o irmão do som”, patrocinadores, mantenedores dos locais de ensaios (os encontros, de novo!), gente que leva o corista para o ensaio.

Essa análise se beneficia muito se realizada a partir da ótica de Howard Becker, especialmente em seu *Art Worlds*, de 1982.

O economista Eduardo Moreira diz que uma crise é um "rearranjo das peças no tabuleiro". Essa crise, porém, é sem precedentes. Parece mais assustadora que qualquer outra que já vimos.

Será que essa nova organização dará espaço

Mas então, como será a nova organização de peças do jogo na área da arte e da educação? Qual será o futuro dos regentes de coro?

Um olhar histórico mostra que não foi sempre como estamos acostumados:

- circa 1600: the rise of the solo singer as opposed to the Renaissance choir
- Crise econômica trocando o foco do coro de empresa para o coro comunitário (Brasil, década de 2010)
- Sociedades Corais no século XIX
- Reforma: participação da congregação na música vocal (relação com a forma coral)

Mas todas essas mudanças mantiveram a idéia central: coro é uma reunião de pessoas para cantar junto.

Podemos pensar por duas vias: (a) Pessoas vão ficar tão desconfiadas a partir dessa pandemia que não vão mais querer se meter em ajuntamentos. (b) Vão ficar todos tão loucos pra se encontrar que os coros vão bombar.

Mas nesses dois casos, qual a nova função do regente. Quais as competências que lhe serão necessárias? Que tipo de sensibilidades devem ser desenvolvidas? Como entender as pessoas, suas necessidades e desejos numa era pós COVID-19?

Quais serão nossas preocupações: arranjos? técnica vocal? apresentações? interpretação?...

CANTO CORAL EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

1. Como se fala da pandemia/confinamento?

2. O canto coral foi atingido.

1. Se baseia no encontro entre pessoas.

2. Como discutir esse assunto?
3. O que está se fazendo (imediatamente?)
 1. Cantoria na varanda, por aplicativos
 2. Ensaaios virtuais online
4. E depois, como será nossa vida?
 1. Será uma procura forte, ou pessoas terão medo, ou haverá modificação na estrutura de ensaios e concertos
 2. O que desse período de dificuldade ficará para ser usado? Que lições aprenderemos?
 3. Competências necessárias
 4. Liderança conquistada
 5. Menos isolado da sociedade.
 6. Determinação do que é essencial
 - 7.
5. Discussão que fica

1. Como reagimos quando coisas assim ocorreram no passado?
2. Implicações no ensino de regência coral.

Adeildo Vieira na live falou da concentração de pessoas

1. Esta é uma reflexão sobre música coral, o trabalho do regente e como essa atividade está sendo afetada pela pandemia. É também sobre o que pode acontecer com ela depois que toda essa crise se acabar. É certo que escrever sobre isso agora envolve uma certa especulação, pois estamos no meio de algo inédito, ou ao menos não acontecido há algumas gerações. É o que se ouve das autoridades, dos analistas das ciências humanas, dos médicos e pesquisadores da biomedicina. Mas a pandemia afeta a todos e, por isso, esse exercício é fundamental. Não pretendo dar conselhos ou indicar tendências com precisão. A ideia é provocar a reflexão sobre nossa atividade profissional. Como será que essa crise nos afetará?
2. Já estamos na **sexta** semana de quarentena. Já há um infinidade de publicações sobre o momento em que vivemos. Vão desde a mais rigorosa pesquisa científica até aqueles meramente opinativos, passando até pela utilização política de fatos tão trágicos. Tal material sendo divulgado, em sua grande maioria, na internet (em sites ou redes sociais) ou na grande imprensa. São comentários sobre o presente, coisas que estão acontecendo nesse exato momento, sobre as quais há descobertas diárias e também,

infelizmente, divulgação por vezes até criminosas, de notícias falsas. Tal fato dificulta a publicação de textos em livros sobre o assunto, ou até mesmo em revistas acadêmicas no seu molde tradicional, com períodos de submissão, avaliação, correções etc. Até mesmo os artigos científicos na área da epidemiologia (os mais importantes no momento em que vivemos) vem sendo publicados online, e atualizados quase que diariamente. Essa situação mostra o Youtube vem sendo uma ferramenta muito utilizada, por sua agilidade e capilaridade.

3. As rede social são os veículos usados mais intensamente para discussões e informações a respeito da situação atual. Por seu alcance acessibilidade e rapidez, é nessas redes onde , mais que os meios tradicionais de comunicação para além de versões "oficiais", vemos. (As redes são, também, o terreno mais fértil para as *fake news*, mas isso não interfere em nossas observações.)
4. Isso que ocorre em função de dois aspectos: (a) Como essa é uma crise sem precedentes, pessoas estão procurando entender e a reagir ao que se passa no momento. (b) Outros procuram pensar no futuro, em como a sociedade reagirá, e em que grau a pandemia do vírus Corona irá afetar a vida das pessoas e da atividade coral.
5. Independente da área, da abordagem, ou até mesmo da opinião que carregam, as comunicações sobre o assunto parecem ter um tema comum: a mudança causada pela

pandemia que vivemos. Enquanto alguns debatem quando será que poderemos voltar à normalidade, outros estão certos que a normalidade tal qual conhecemos nunca mais retornará, e procuram identificar como será a vida normal daqui pra frente. Novamente, apesar de muita procura por embasamento em fatos passados, onde se descobrem incríveis semelhanças com o presente (e aqui a importância da História mais uma vez explicitada), a incerteza sobre o futuro, próximo e distante, é a tônica das conversas sobre a pandemia. A expressão "nova normalidade" tem sido comum em ensaios de diversas áreas, mais notadamente Economia e Sociologia, por exemplo, muitas vezes sugerindo que depois dessa pandemia o mundo será diferente do que foi até hoje. Alguns chegam até a ensaiar como será essa nova normalidade.

6. Certo, até agora, é que estarmos vivendo um período de mudanças radicais. Em função delas, há um acontecer e há previsões de outras tantas num futuro breve.
7. Dentre as razões que justificam a relevância este ensaio algumas são muito óbvias. Por um lado, há uma questão de sobrevivência, pois, em maioria, estamos acostumados ao regime de trabalho sem vínculo empregatício, o que nos deixa "a descoberto" na atual situação. Tenho ouvido relatos de colegas ...
8. Essas questões algumas outras, para as quais temos respostas quase sempre emotivas e até metafóricas: qual a

importância de se cantar junto? Como justificar o canto coletivo na sociedade? Como explicitar seu valor? Nesse momento de crise que vivemos, mais que questões técnicas ou estéticas sempre muito realçadas em nossas conversas, urge compreendermos nosso lugar na sociedade e justificarmos de forma objetiva a importância e valor do que fazemos. São questões antigas. Há ao menos uma década artigos vem sendo publicados (uma busca por music education in a stem world no Google retornou). É tarefa muito difícil.

9. Pode ser juntando as duas coisas: como ferramenta acessória a uma outra atividade maior (Frank e Educação Musical) a cantoria no mundo? Uma ferramenta educacional (num mundo que, ao que parece, será mais acostumado com EaD)...? No final das contas, essa conversa trata de quem vive de uma atividade humana coletiva. É sobre cantar junto, mas pode ser compreendida como uma metáfora de qualquer exercício de liderança. Na verdade, a própria essência de liderança implica em agrupamento de pessoas. Há muitos pontos em comum entre a música coral e qualquer outra atividade produtiva coletiva.
10. Junto com isso precisamos lutar por políticas públicas, mas não pode ser só como uma atividade coral, é preciso cultura etc. Mas mesmo nessa discussão precisamos de argumentos palpáveis, de acordo com o séc. XXI. Argumentos já foram usados, por exemplo, para sustentar

coros de empresas. Precisamos achar o "porquê",

Canto coral

11. A atividade coral foi atingida em cheio pela pandemia. Bem, essa é uma afirmação que muitas áreas podem reivindicar, como o comércio e o transporte, por exemplo. O coro, como estas últimas, depende do encontros entre de pessoas (os cantores, nos ensaios, e o público, nas apresentações). O longo período de quarentena a que estamos sendo submetidos colocou em risco exatamente essa ideia sustentadora da música coral: regentes corais vivem de juntar pessoas, o que agora é proibido.

12. A profissão que exercemos, a regência coral, já está sofrendo as consequências, especialmente em função da quarentena. A comunidade musical brasileira foi surpreendida no fim do último mês de março, quando noticiou-se o falecimento de dois regentes corais num intervalo de 24 horas. Além da grande tristeza e comoção. O fato nos colocou muito próximos ao perigo causado por essa pandemia. Acontecimentos tão próximos a nós revelaram a realidade dramática dessa doença.

13. O Prof. Scott Anderson publicou no dia 15 de março, na página da *American Choral Directors Association Northwest Division - NWACDA*, um arrazoado sobre a necessidade de suspensão de ensaios corais. Dentre seus argumentos, desenvolvidos depois de conversas com médicos e enfermeiros, Anderson mostra que o canto em conjunto é

uma atividade é particularmente propícia para a disseminação desse vírus....

14. A história do coro XXXX, publicada dia XXX no Los Angeles Times, mostra um ensaio realizado, aparentemente, desobedecendo uma sugestão de isolamento social acabou com 45 pessoas contaminadas e 2 mortas nos dias que se sucederam.
15. Esses aspectos são importantes e devem ser considerados quando se discute os impactos da pandemia na música coral e, por consequência, no trabalho do regente. A cantoria em conjunto é um vetor de alta disseminação do vírus. Para o canto coral acontecer (e o regente trabalhar), é preciso aglomerar pessoas que, ao cantar, jogam, gotículas de saliva no ambiente. Não se pode fugir dessa realidade. Urge uma reflexão dos regentes sobre esse contexto tão difícil em que sua profissão se encontra, mas também sobre as possibilidades no futuro, no que alguns chamam de "mundo pós-pandemia".
16. Por isso, não adianta mais olhar a atividade coral somente pelo prisma técnico-estético. Mais que discutir repertório, preparação vocal, gestos de regência ou estilos interpretativos, por exemplo, é hora de olhar a atividade do regente coral pelo ângulo das relações pessoais, tempo, financiamento e motivações envolvidas na cantoria coletiva. É preciso olhar para as pessoas, a construção de suas relações dentro de um coro, bem como para as relações

entre a atividade coral e a sociedade de forma mais ampla. Nesse sentido, diálogo com autores de outras áreas é valioso. Reexaminar o conceito de stasis estilística, de Leonard Meyer ("stasis"), ou a ilustração sobre a "areia movediça" no mundo corporativo, de Peter Topping ("areia movediça"), dentre tantos outros autores que discorrem sobre mudanças no mundo contemporâneo parece...

17. Tal análise em muito pode se beneficiar se realizada a partir da ótica de Howard Becker, especialmente em seu *Art Worlds*, de 1982, quando ele sugere olhar-se para as manifestações artísticas com foco nas pessoas que a realizam, e nas relações entre essas pessoas, sem preocupação com a valoração estética do objeto artístico.

O que está acontecendo? Como as pessoas estão reagindo? Parou-se de fazer música na coletividade? - Elaborando sobre "o que é essencial". Parada brusca e inesperada. E agora?

1. Nas últimas semanas, atividades que envolvem música se destacaram em redes sociais (o veículo mais utilizado....) . Fomos "bombardeados" com videos e gravações de pessoas cantando e tocando em suas varandas, fazendo música em conjunto nas suas casas, usando programas de teleconferência para gravar músicas com seus conjuntos, orquestras, coros etc. Muitos mencionaram, com toda razão, a importância do fazer artístico a sociedade. São exemplos do fazer musical coletivo. No nosso caso, do cantar junto. Os motivos podem ser vários: necessidade de socialização,

demonstração de força ("Isso não me abalará"), manutenção do público, principalmente no caso de grupos profissionais, ou até manifestação de convicções políticas. Mas se olharmos bem para a música coletiva que aparece (coros, orquestras e bandas, principalmente), pode ser notada a falta do regente. Essas foram observadas tudo isso está acontecendo SEM a necessidade de regente. É como o canto do Maracanã: acontece sempre, emociona, porque acontece espontaneamente.

2. Como diz o Samuel Kerr, "a sociedade deveria ter espaços para todo mundo que quiser cantar. Não posso colocar um cara iniciante e/ou desafinado no Teatro Municipal, mas tem que haver lugar para todos". Eu acrescento: até para quem quer cantar espontaneamente (Mas e o regente, como fica nessa situação?)
3. O "cantar da janela" de agora guarda alguma semelhança com a cantoria nos campos de algodão no Sul dos EUA, de onde acabou surgindo o *negro spiritual*.
4. Há uma procura grande pelo Virtual Choir (ver reportagem do blog de educação musical). Qual é o desespero? Será que as pessoas acham que isso vai dar conta? Qual a pressa? Necessidade de controle do regente? E se começássemos a aprender a delegar o controle? Será que nos sustentaríamos em nossas posições sem essa sanha pelo controle total?

1. <https://www.virtualchoir.net>
2. https://midnightmusic.com.au/2020/03/dear-music-teachers-please-stop-asking-how-to-create-a-virtual-choir-video/?fbclid=IwAR20c7NvimFvyqlu1Rz2Qv_603dUALvBvEW_A6ktLL23zg8NjuNL8xyOSvg
5. Em ambas as situações nota-se uma reversão na tradicional esquema que representa tradicionalmente a cadeia produtiva de música: *produção — distribuição - comercialização — consumo*. O público consumidor é, nessa caso, sobreposto ao produtor da música. Aplica-se aqui o conceito de *prosumidor* (Alvin Tofler).
6. O mercado e a atividade musical, que já vinham se reestruturando, serão mudados de forma ainda mais radical? importante ainda, será que o regente coral é necessário nessa situação? Ainda mais grave: será que o regente coral vinha sendo importante nos seus coros, ou essa importância dele (estabelecida no séc. XIX) já estava em declínio? Eu já estava preocupado com isso, como mostro num texto escrito em 2015 (**anexo 2**).
7. Resumindo a situação: música coletiva continua a ser feita, mesmo com todos presos em suas casas. Pelo computador, nas varandas, nas ruas, em forma de percussão em polirritmia de panelas (bem, essa forma é exclusiva do Brasil, onde a situação é ainda mais grave, dado o fdp que

por ora ocupa a presidência...)

Mas e o regente? O que fazer no momento?

1. Quarentena: o regente coral só trabalha quando há cantores juntos. E agora? Não sabemos quanto tempo isso tudo irá durar, o que é assustador, e nos leva a pensar em questões imediatas...
2. Regentes de coros tem, por essência, a função de juntar pessoas. Tudo o mais é consequência: arte, técnica, repertório, educação, treinamento, prazer, terapia, tournées, concertos, etc. Chegou a hora de repensar essa função, que, como já disse antes, mudou quase nada desde o século XIX.
3. *Virtual choir* funciona mesmo? Por que tanta falação sobre o assunto?
4. O que pode dar certo num ensaio virtual?
5. Filipe: é preciso encontrar formas de manter os objetivos dos coros. Por que? Como? Qual a experiência?
 1. Há a via terapêutica. (Parecido com o que andam falando sobre fazer ginástica em casa.)
 2. "O kit de ensaio ao contrário": não é só para ouvir, mas para interagir

3. Mudando a ordem natural das coisas: arranjo - ensaio - gravação.
4. Tratando da atividade coral individualmente.
Potencializando os aspectos do ensaio coral que valoriza a individualidade.
6. O uso da tecnologia X o aspecto humano da atividade coral;

E quando isso acabar? O mundo pós-pandemia. Há possibilidades de mudança nas relações coristas X coro e coro X sociedade? O que pode ser da profissão de regente coral?

Haverá um período de "desconstrução". Um "degradê". É preciso considerar o desgaste dessa situação. Canto coral nos moldes antigos será viável ou não nesse "novo normal"? O perfil do regente deve ser pensado com base nas questões sociais e nas novas relações entre as pessoas.

Qual a relação isso tem com o DIY? Como esse conceito pode ser associado às competências do regente no futuro? O termo "colaborativo" se torna importante. Encarar o coro como uma co-produção, onde as pessoas precisam se envolver. Talvez o caminho do coro passe por isso. Isso vale para coros de empresa. Será que esse sistema pode transbordar para outros tipos de coro. O regente tem que ser um produtor também. Os coristas, quando são responsáveis pelo produto final de forma mais direta, faz dos cantores elementos mais engajados (*Skin in The Game*, Nassim Taleb).

1. Muitos vão dizendo: o mundo será diferente. Há um novo "normal". Como entender as pessoas, suas necessidades, motivações e desejos numa era pós COVID-19?
2. http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597364-como-sera-o-mundo-depois-do-coronavirus-segundo-yuval-noah-harari?fbclid=IwAR3l8LjxFAH3CWF4a1DJtAEEuDkin0xyCwLXi7SG4yO_N-YdKiewUbFV_XU
3. É possível que os encontros pessoais sejam mais valorizados pelas pessoas, mas também pode haver uma reação a isso, especialmente pelo receio sobre o terror pelo qual estamos passando. Em outras palavras, podemos pensar por duas vias, para quando essa crise acabar: (a) pessoas vão ficar tão desconfiadas a partir dessa pandemia que não vão mais querer se meter em ajuntamentos; (b) ficarão todos tão loucos pra se encontrar de novo que os coros vão bombar.
4. O mundo será mais globalizado ou mais fechado?
5. O economista Eduardo Moreira diz que uma crise é um "rearranjo das peças no tabuleiro". Essa crise, porém, é sem precedentes. Parece mais assustadora que qualquer outra que já vimos e esse rearranjo de peças pode, na verdade, propor um jogo completamente diferente.

6. Será que essa nova organização dará espaço para reuniões com o objetivo de se cantar junto?
7. Como deverá ser o comportamento e a atuação de um regente coral pós-COVID19?

E quais as competências que nos serão necessárias?

1. Mas nesses dois casos, qual a nova função do regente. Quais as competências que lhe serão necessárias? Que tipo de sensibilidades devem ser desenvolvidas?
2. Quais serão nossas preocupações: arranjos? técnica vocal? apresentações? Interpretação?...
3. Livro "*Gerenciar sem Gerente*". Temos tido uma grande expressão de pessoas querendo estar juntas, e estão fazendo isso independente de ter alguém para dar ordens a todo momento, e exigindo atenção total.
4. Nesse momento estão sendo colocada em dúvida as formas tradicionais de se trabalhar em coro. Tenho escrito em todos os textos que publiquei nos últimos tempo, principalmente sobre coros de empresa. Saber lidar com o tempo de todos é nosso "ativo" cada vez mais precioso!
5. A solidariedade sendo gerada agora pode re-aproximar as pessoas, é verdade. Mas que tipo de novos conjuntos surgirão dessa história?

6. Juntamos gente basicamente em dois níveis: no dia-a-dia dos ensaios e nas apresentações (em menor proporção, há os envolvidos na produção: figurinos, “o irmão do som”, patrocinadores, mantenedores dos locais de ensaios (os encontros, de novo!), gente que leva o corista para o ensaio, etc.
7. Mas então, como será a nova organização de peças do jogo na área da arte e da educação? Qual será o futuro dos regentes de coro?
8. Já é claro, em afirmações de órgãos nacionais e internacionais, que entraremos num período de grave recessão econômica, o que reforça ainda mais a necessidade, para o regente coral, de desenvolver argumentos sólidos que sustentem a importância de sua atividade nessa sociedade pós-corona virus.
9. A música coral não foge a essa realidade, e a incerteza e a mudança na atividade coral estão latentes. Porém, apesar de terem sido exacerbadas agora, já vinham sendo

Há situações semelhantes no passado?

Aprender com o passado é sempre bom, mesmo que agora todos digam que é uma situação sem qualquer precedente.

1. *Robert Sund* - depoimento no curso da Oficina Coral: um regente reconhecido mundialmente, que falou sobre um coro que dirige, mas que só se encontra 30 min. por

semana, num centro comunitário.

2. Um olhar histórico mostra que não foi sempre como estamos acostumados:
 1. circa 1600: the rise of the solo singer as opposed to the Renaissance choir
 2. Crise econômica trocando o foco do coro de empresa para o coro comunitário (Brasil, década de 2010)
 3. Sociedades Corais no século XIX
 4. Reforma: participação da congregação na música vocal (relação com a forma coral)

Mudança

10. Baseado nessas questões, é hora de o regente realmente mudar, e entender seu trabalho por um ponto de vista alternativo. Isso pode significar mudar o que é considerado alicerce da atividade coral, mas entender quais as verdadeiras . Diferenciar o que é essencial do que é ferramenta, ou formatação. Meio ou fim? Perguntar "por que"ao invés de "como".
11. Precisaremos aprender com o que ocorre agora. Como será um ensaio no futuro? Estamos sendo obrigados a lidar com o distanciamento. Será que isso vai durar? Será que encontros pra cantar serão mais raros e, por isso mesmo,

mais intensos? Será que vai haver menos faltas dos cantores aos ensaios?

12. Será que essa conversa toda é necessária, uma vez que não se tem qualquer certeza sobre o futuro?
13. Até mesmo as escolas de música em todo o mundo, têm tendências "conservatoriais" (modelo do *Conservatoire de Paris*, no séc XIX). Nesse modelo, a estética é o tema principal, e meio que deixa de lado outras discussões, que já vinham se tornando importantes nos últimos tempos. A tônica do conservatório (já diz o nome... "conservar") é preparar performers para esse mercado de trabalho (teatros, orquestras, gravações etc). Mas, se esse mundo do trabalho em música já vinha dando sinais de fadiga nos últimos 30 anos, especialmente provocados pela internet, o mp3, o home-studio, os mega-shows etc., agora ele entra em parafuso de vez. Novamente, o mundo se prepara não somente para uma parada estratégica, um "freio de arrumação", mas para um "novo normal".
14. Este texto foi motivado por conversas que tive com os colegas Diego Daflon, doutorando na Northwestern University, em Chicago, e Filipe Matos Rocha, doutorando na UFRJ. Três regentes corais, trabalhando em duas cidades diferentes, em estágios distintos na carreira que, portanto, olham para o problema sob prismas distintos.

Anexo 1

Scott Anderson thank you for this !



Scott Anderson

para

IDAHO ACDA

15 de março às 16:06

Dear Colleagues, Friends, Fellow Choral Music Educators,
Singers, Students -

Several of us have been chatting on Facebook recently about the challenges of teaching choral music in the midst of the current Coronavirus pandemic. We are struggling with teaching choral ensembles comprised of the elderly, or the very young, and all ages in between. Some groups (folks over 65, anyone with pre-existing/continuing conditions, or folks with weaker immune systems) are very vulnerable to symptoms resulting from Coronavirus infection. It is confusing to hear strong opinions expressed by news outlets and/or pundits, which are at odds with recommendations from medical authorities.

In discussions with several MD's, I've been made aware of computer animations which show the dispersal of micro drops of saliva and other particles during conversations between two or more individuals. The "four-six feet away" rule for being in proximities to one or more people while a virus is active, evidently comes from these standardly accepted patterns. In singing, the combination of increased breath stream/pressure, diction articulations, and big variations in amplitude, make it sensible to assume that the projection pathway is greater than 6 feet, and increases the amount of projected contagions. We know that plosive consonants [p, b, t, d, k, g], fricative [s, f], sh, and other vocal articulations can spray moist particles more than 12 feet away.

I often use imagery with singers such as, "project your airstream consistently from where you are all the way to the wall in front of you (15 feet or more)". As choral directors and voice teachers, we are regularly asking singers to keep throat, mouth, and resonators open - so that vibrant, ringing sounds are projected outward "on-the-breath." There are LOTS of images that we all use to encourage students to project.

Ironically, the very medium we depend upon to create our beloved choral sounds is one of the most efficient means of projecting the Coronavirus into a rehearsal or performance space. It may be true that the ages of the choral singers we lead are the least "at risk", but unfortunately, by singing, we maximize the risk factors for ANY age group.

Many of the Colleges and Universities in our Country (and in the state of Idaho) have ceased choral ensemble rehearsals in order

to mitigate the effects above. Most public schools in Idaho, however, are still open - creating a "catch-22" for SO many of our choral music educators.

Besides clearly communicating the science and process which makes singers at highest risk to our administrators, I suggest some of the following rehearsal approaches:

- humming parts, rather than using words/text: this keeps the mouth (mostly) closed, and significantly reduces vocal projectiles/mist
- clapping, thigh tapping, lightly stomping choral rhythms: rhythmic structures are the "skeleton" upon which the "flesh" of pitch is layered
- practicing subtle body movements which kinesthetically reinforce dynamic shaping, articulations, phrase durations, and other musical characteristics of the choral pieces being rehearse
- making a friendly competition between ourselves and our students to see how much information can be communicated without speaking or singing words; developing a communicative and useful sign language, which might have incredible potential for future rehearsals

As our music faculty have been discussing the past few days, we must search for ways to teach music which take the realities of our current pandemic into account. We realize that the life-changing aspects of singing in a choir (mind blowing sounds, sharing the immediate meaning of texts, acoustical wonder, verbal/emotional/aesthetic Community, and on and on), **MUST** be

delayed until those passionately valued activities are safe for every singer again. However, we must remind our students that the very act of changing our behavior is, TOGETHER, another of the benefits of the choral community.

I hope some of the ideas above (many are those I've taken from others) are helpful. My soul is already hurting because of the loss of my/our daily choral rehearsals. The sacrifice, however, IS worth preventing even one singer from experiencing debilitating illness, or worse.

Lets all stay healthy, and work to lay the groundwork for the return of the "life-blood" that are our regular choral rehearsals and performances.

Scott Anderson

Links:

Becker, Art Worlds

Meyer, L. Music, Arts....

Topping

[A Washington state choir rehearsal was deemed a 'super spreader event' after 45 people were infected with the coronavirus and 2 died](#) by **Sarah Al-Arshani** Mar 30, 2020

[How do you conduct virtual choir practices with more than 300 kids? The Philadelphia Boys Choir is learning how.](#) by **Cassie Owens**, Updated: March 26, 2020

- “Mute” all singers
- Teaching session vs. Rehearsal

Live Adeildo Vieira e edu Nóbrega

[https://www.chronicle.com/article/Why-You-Should-Ignore-All-That/248366/?](https://www.chronicle.com/article/Why-You-Should-Ignore-All-That/248366/?fbclid=IwAR12b_eC0CemQbgdYyrXGirDe7inDiVeXn0NJKEq1kJOR4GNa-jdVFAKqvA)

[fbclid=IwAR12b_eC0CemQbgdYyrXGirDe7inDiVeXn0NJKEq1kJOR4GNa-jdVFAKqvA](https://www.chronicle.com/article/Why-You-Should-Ignore-All-That/248366/?fbclid=IwAR12b_eC0CemQbgdYyrXGirDe7inDiVeXn0NJKEq1kJOR4GNa-jdVFAKqvA)

<https://www.nytimes.com/2020/03/29/opinion/coronavirus-revolution.html?>

[action=click&module=Opinion&pgtype=Homepage](https://www.nytimes.com/2020/03/29/opinion/coronavirus-revolution.html?action=click&module=Opinion&pgtype=Homepage)

[https://www.msn.com/en-us/news/us/a-choir-decided-to-go-ahead-with-rehearsal-now-dozens-of-members-have-covid-19-and-two-are-dead/ar-BB11Tjim?ocid=ob-fb-enus-280&fbclid=IwAR2ZbxL303Z_w0CSUtivU80Wv4-14EMaHZXSYquEd5gq2-4scBlih3LMdO8#image=BBZaM5o|2\).](https://www.msn.com/en-us/news/us/a-choir-decided-to-go-ahead-with-rehearsal-now-dozens-of-members-have-covid-19-and-two-are-dead/ar-BB11Tjim?ocid=ob-fb-enus-280&fbclid=IwAR2ZbxL303Z_w0CSUtivU80Wv4-14EMaHZXSYquEd5gq2-4scBlih3LMdO8#image=BBZaM5o|2)

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/diario-de-confinamento-a-nova-normalidade.shtml>